

SERMAM  
DO ESPOSO  
DA MAY DE DEOS  
S. IOSEPH.

NO DIA DOS ANNOS  
DELREY NOSSO SENHOR  
DOM IOAM IV.

Que Deus guarde por muytos,  
& felicissimos.

*Pregou o na Capella Real*

O P. ANTONIO VIEIRA DA COMPANHIA  
de I E s v Prêgador de S. Magestade.

*Com todas as licenças necessarias.*

EM LISBOA.

Por Domingos Lopes Rosa. Anno 1644.

SEEMAM

DO ESTO

DA MAY DE DEOS

JOSEPH

NO DIA DOS ANOS

DE REY NOSSO SENHOR

DOM IOM IV.

Que Deus guarde por muitos

& felizimos

Escreve na Capital Real

O P. ANTONIO VIEIRA DA COMPANHIA

de S. v. Pregador de S. M. e da

Conselho de S. M. e da

EM LISBOA.

Por Domingos Lopes Reis Anno 1644



*Ioseph fili David noli timere.* Math. i.



SONHOV Ioseph [Muy altos, & muy poderosos Reys, & Senhores nossos] sonhou Ioseph, o que depois foy Vizorey do Egypto, que o Sol, a Lua, as estrellas abatendo do Ceo a terra a Magestade luminosa de seus resplãdores, humildemente postrados o adorauão.

*Gens. 37.*

Quis interpretar este sonho seu pay, & disse, q̃ elle Iacob era o Sol, Rachel sua esposa a Lua, seus filhos desde Rubẽ a Benjamin as estrellas, & que viria tempo a Ioseph, em q̃ Deus o leuantaria a taõ soberana fortuna que seu mesmo pay, sua mãy, & seus irmãos, com o juelho em terra o adorassẽ. Os Doutores communmente tem esta interpretação do sonho por verdadeira; mas o certo he que hum Ioseph foi o que sonhou, & outro Ioseph foy o sonhado. O Ioseph que sonhou foi Ioseph o filho de Iacob; o Ioseph sonhado foy Ioseph o esposo de Maria. O Ioseph filho de Iacob sonhou somente; porque ainda que digamos, que em seu pay o adorou o Sol, & em seus irmãos as Estrellas, he certo q̃ em Rachel sua mãy lhe faltou a adoração da Lua, porque quando Iacob, & seus filhos adoraraõ a Ioseph no Egypto ja era morta Rachel, & ficaua sepultada em Belẽ. Segue-se logo, que o Ioseph verdadeiramente sonhado foi Ioseph o esposo de Maria, porque nelle se compriraõ cabalmente todas as partes do sonho. Adorou a Ioseph o Sol porque a titulo de sujeição filial lhe guardou reuerencia, & acatamento o mesmo Sol de Iustiça Christo: *Et erat Luc. 2.*  
*subditus illis:* adorou a Ioseph a Lua, porq̃ a titulo de verdadeira esposa lhe deu eo obediencia, & amor aquella se- *Cant. 6.*  
nhora, que he como a Lua fermosa: *pulchra ut Luna:* adora- raõ a Ioseph as Estrellas porque a titulo, ou reputação de pay de seu Mestre o respeitaraõ com grande veneração



Dan. 12.

Apoc. 12.

os Appostolos, aqueles de quem diz o Spiritto Santo: *Falgebunt quasi stellae in perpetuas aeternitates*. E quando sô a Virgem Maria adorasse a Ioseph seu cõsopo, nesta sô adoraçã se cõpria todo o sonho inteiramẽte; porq̃ nella o adoraua o Sol, nella a Lua, nella as estrellas: o Sol, *Mulier amicta Sole*, a Lua, *Luna sub pedibus eius*, as estrellas, *& in capite eius corona duodecim Stellarum*.

Tertul.

Este he S. Ioseph, senhor, & este he o soberano Planeta, q̃ predominou neste fermozo dia, dia em que com o felicissimo nascimento de V. Mag. naceu outra vez aos Portuguezes a esperança, ao Reyno a liberdade, & Portugal a sy mesmo. Iusto era que o nascimento de tão grande, & nouo Rey melhorasse suas cõstellaçõs: o Ceo, & lhe assistisẽ no uos, & mayores Planetas. Nes nacimẽtos dos outros Principes & Monarchas do mûdo, ou predomina o Sol, ou predomina a Lua, ou predomina algũa das Estrellas; mas neste nacimẽto singular, para q̃ fosse mais felice q̃ todos, predominou hum Planeta nouo, & superior, aquẽ o Sol, aquẽ a Lua, aquẽ as estrellas adoraõ. Parecerá isto modo de falar, & cõsideraçã só minha, mas he doutrina muy assentada, não menos q̃ de ddo antiquissimo Tertuliano. Norou este grande Doutor, q̃ os Magos no nascimento de Christo não renũciaraõ a astrologia, mudaramua. Antes de Christo nacer obseruãose as estrellas do Ceo, depois de seu nascimento obseruãose as estrellas de Christo. *De Christo est Matheſis hodie, Stellas Christi non Saturni, & Martis obseruat*. Parece que para este dia forão cortadas estas palauras. *De Christo est Matheſis hodie* a astrologia do dia de hoje he de Christo: *Stellas Christi non Saturni, & Martis obseruat*: não obseruamos estrellas de Marte, ou de Saturno, cujos nũzozs sãõ tam errados como fabulosos seus nomes; obseruamos hũa Estrella de Christo, Estrella aquẽ todas demais adorã, que he, não Ioseph o filho de Iacob, senão Ioseph o filho de Dauid: *Ioseph fili Dauid noli timere*.

Senão pois tam superior a Estrella deste dia, sendo tão diuino o planeta deste nascimento, quaes seraõ, ou quaes feriaõ



serião suas influencias? Ora eu para satisfazer a todas as obrigaçoens desta solemnidade, & para que com deuoto agradecimento conheçamos os Portuguezes o muyto, que deuemos ao diuino Esposo da Virgem, pretendo mostrar hoje com algũa euidencia, que a liberdade a que este Reyno se restituiu, & todos os bens, que com ella gozamos, são & foraõ influencias de Sam Ioseph. Tudo oque auia mif-ter, & tudo o que podia dezejar influyõ neste seu dia a Portugal este soberano Planeta. Tudo oque Portugal ha- uia mif-ter, & tudo oque podia dezejar era ser Reyno, & ter Rey. Porque ainda que na realidade hũa, & outra cousa tihamos, nem o Reyno sem Rey era Reyno, nem o Rey sem Reyno, era Rey. Pois que fez neste seu dia Sam Ioseph? para que o Rey tinheffe Reyno influio ao Reyno restituição de liberdade. E para que o Reyno ti- nesse Rey influio ao Rey calidades, & perfeiçoẽs Reaes. Esta será a materia. Para fundamento, & proua de toda el- la, não quero mais que ametade das palauras do thema: *Ioseph fili David*. Todas as palauras do Euangelho serão pro- na destas duas: & estas duas palauras serão reposta de to- das as duuidas do Euangelho.

*Ioseph fili David noli timere.*

**E** Stando cuidadoso, & afligido Sam Ioseph entre as perplexidades do Mysterio da Encarnação, cu- jos effeitos via, & cujas causas ignoraua, diz o nosso Euangelista, que lhe appareceu hum Anjo em sonhos, o qual lhe disse assi. *Ioseph fili David noli timere*. Ioseph filho de David não temas. Depois pode ser que pondere, o não temas, & agora reparo somente no filho de David. Filho de David Ioseph a estas horas! comque fundamento? se a soberania daquella profapia estaua ja tam enuelhecida, ou tão enuilecida em Ioseph, que o sceptro Real de David pella injuria, & inconstancia dos tempos tinha ja degenerado



Chrysol.

em suas mãos a instrumentos mecanicos, como lhe chama  
filho de David o Anjo? chamelhe o que he, não lhe chame  
o que foi, que isso já não lembra. São Pedro Chrysologo  
respondeu a esta duvida cõ hũa palauras, q̃lendo escritas  
em Italia ha oitocētos annos, parece, que se elcreueraõ  
em Portugal de tres a esta parte. *Videtis fratres in persona ge-  
nus vocari, videtis in vno totam profapiam nuncupari, videtis in  
Ioseph seriem dauidici Stemmatís iam citari. Trigesima oñaua ge-  
neratione natus quomodo David filius dicitur, nisi quia gentis ape-  
ritur arcanum, fides promissionis impletur.* Largas mas diuinas  
palauras! Chamou o Anjo a S. Ioseph filho de David sen-  
do a trigessima oitaua geraçãõ daquelle Rey (dis Chryso-  
logo) para que se iembrasse o Sauto das profecias antigas,  
& entendesse que o Reyno de Israel tiranizado pellos Ro-  
manos, em seus ditozos tempos se restituia a seu legitimo  
successor, conforme o iuramento feito a el Rey David pri-  
meiro fundador daquella Coroa: *Iuravit Dominus David ve-  
ritatem, & nõ frustrabitur eũ de fructu ventris tui ponã super sedẽ  
tuam* Dondẽ he bem que notemos as palauras do iura-  
mento, nas quais diz Deos a David, que o fructo do seu vẽ-  
tre se assentaria no trono Real de Iuda: *de fructu ventris tui  
ponam super sedem tuam.* Se Deos fallara com algũa Raynha  
parece, que estaua dito com propriedade: o fructo do teu  
ventre se tornará a assentar no trono Real; mas fallãdo cõ  
hum Rey? fallando com David? sy: porque cõmo diz San-  
to Ireneo, Tertulliano, & S. Agostinho, quis Deos signifi-  
car, que quando o Reyno se restituisse hãua de ser  
preferindo a linha feminina á masculina, como verdadei-  
ramente aconteceu, porque ainda que Ioseph, & Maria  
eraõ filhos de David, Christo q̃ foi o Rey prometido era  
filho de David por Maria, & não por Ioseph. O caso he  
tão semelhante ao do nosso Reyno, que não necessita de  
acomodaçãõ. De maneira que temos a restauraçãõ de hũ  
Reyno tiranizado, restituído depois de muytas gerações  
a seu legitimo Senhor preferindo na successãõ a linha  
feminina á masculina, & tudo conforme as profecias anti-  
gas

Iren.  
Tertul.  
August



gas, & iuramêto do primeiro fundador do Reyno. Ha propriedade mais propria? pois estas foram as primeiras influencias do nosso grande planeta. Para que o Rey, que hoje nacia tiuesse Reyno, influir ao Reyno restituição de liberdade. E ninguem me diga que se não prova, que foram isto influencias suas; porque os Planetas quando dominão influem conforme suas calidades, & sendo este o dia, & estas as calidades de S. Ioseph, não se pode negar q foram estas suas influencias.

Esta he a primeira rezaõ do *fili David*. Para a segûda difficulto as mesmas palauras com diuersa ponderação. Este Anjo que aqui appareceo a S. Ioseph, tornou-lhe a apparecer outras tres vezes: appareceulhe em Belem quando lhe notificou que se desterrasse para Egypto: appareceulhe em Egypto quando o auisou da morte de Herodes: appareceulhe no caminho de Iudea, quando o alegrou, que podia ir viuer a Nazareth; & de todas estas vezes nenhuma lemos que lhe chamasse filho de Dauid. Pois se este titolo de filho de Dauid o não dá o Anjo em nenhuma outra occasião a Sam Ioseph, neste caso de sua perplexidade porque lhe chama Ioseph filho de Dauid: *Ioseph fili David noli timere?* Varias rezoens dão os Santos, eu darei também a minha, porque a quero provar. Chamou o Anjo a S. Ioseph nesta occasião filho de Dauid; porque se ouue o Santo nesta tão difficultosa acção com tanta realza de animo, que bem mostrava, que ainda que a fortuna lhe tirara a coroa da cabeça, tinha muyto de Rey no coração. Chamou-lhe filho de Rey, porque viu que se portara muyto como Rey. Esta foy a segunda influencia, que diffamos do nosso Planeta Ioseph neste seu dia. Para, que o Rey no tiuesse Rey influir ao Rey calidades, & perfeições Reais. Bem conheço que parece coisa difficultosa na acção de huns ciumes formar a idea de hum Principe perfeito; mas o descurso me desempenhará, & não nos hade desajudar o Euangelho. Vamos com elle.

Matth. 20

Numer. 19

Numer. 22

*Ioseph autem cum esset vir iustus, & nollet eam traducere voluit occulte*



*occulte dimittere eam.* Diz o Euangelista, que vendo São Ioseph os indícios tão manifestos da Conceição de sua esposa, que como fosse varaõ iusto, & a não quisesse entregar á justiça, para q̃ a castigasse conforme a ley. Aqui reparo, antes de ir mais por diante. Hũa grande implicação parece que tem este texto. Que quer dizer, que a não quis entregar á Justiça porque era iusto? se differa que a não quis entregar á Justiça porque era piadoso, entãõ parece que estaua mais propriamente aduertido. Perdoar, não accusar são actos de piedade, não são actos de Justiça. Pois por q̃ troca o Euangelista os termos, & enues de chamar a Ioseph piadoso lhe chama iusto: *Ioseph autem cum esset vir iustus?* Chama o Euangelista a S. Ioseph, iusto, quando fazia hũa tão grande acção de piedade; porque como Ioseph tinha tanto de Rey, *Ioseph fili David*, tinha obrigação de Justiça a ser piadozo; & quem tem obrigação de Justiça a ser piadoso, quando he piadozo he iusto. A piedade nos outros homens he piedade, no Principe he Justiça.

Quiz o bom Ladrão q̃ usasse Christo cõ elle de piedade, & disse assi: *Domine memento mei cum veneris in Regnum tuum.* Senhor lembrai uos de my depois que chegares ao vosso Reyno. Depois que chegares! & antes porque não? Aquem tanto padecia não lhe estaua melhor o socorro antes mais cedo, que mais tarde? si estaua. Pois porque não dis lembrai uos, Senhor, de mi agora senão depois de chegares a vosso Reyno? A rezão foy, diz Sam Chrysostomo, porque a lembrança, & piedade, que o ladrão pedia antes de Christo ser Rey era fauor, que lhe podia fazer; depois de ser Rey era Justiça, que lhe não podia negar. Foi tam astuto requerente o ladrão, que sendo a sua petição de misericordia, quis que fosse o seu despacho de Justiça, & como os Reys têm obrigação de Justiça a ser piadosos, por isso disse lembrai uos, Senhor, de my, não antes, senão depois de vires ao vosso Reyno, porque a mesma piedade que antes de Christo ser Rey era piedade, depois de ser Rey era Justiça. He verdade que a miseria, que o ladrão padecia



padecia era presente: mas como a misericórdia, que espe-  
 rava, antes de Christo Reynar, era voluntaria, & depois de  
 reynar, deuida; por isso regulou sabiamente o seu requeri-  
 mento, não pelo tempo, em que experimenta em sy a ne-  
 cessidade, senão para o tempo, em q̃ considerava em Chris-  
 to a obrigação. *Cum veneris in Regnum tuū.* Não peço a pie-  
 dade para agora, senão para depois que estiueres no vosso  
 Reyno; porque ainda que eu a não mereço agora, por ser  
 culpado, vos ma deuereis depois por seres Rey. E Christo  
 que ja na Cruz era Rey, & Christo que ja na Cruz estava  
 no seu Reyno, que he o que fez? *Hodie mecum eris in paradiso.*  
 Oladraõ pedia a piedade para depois, porque cuidava que  
 Christo ainda não era Rey, & Christo concedeu-lhe a pie-  
 dade logo, para mostrar q̃ ja o era. Hoje, hoje citaras comi-  
 go no paraizo. Como se dissera o senhor. Pedes-me piedade  
 a titulo de Rey, pois ja ta dou, porque ja ta deuo; Rey sou.  
 E se a piedade nos Reys he diuida, se a piedade nos Reys  
 he iustica: que muito que se chame iusto, quando foi pia-  
 dozo, quem tinha tanto de Rey como Ioseph? *Ioseph fili*  
*David.* Sendo piadoso foi iusto, porque perdoando a of-  
 fensta, q̃ sospeitava, pagou o que deuia a quem era. O perdã  
 de sua espozã, forão obrigações de seu pay: *Ioseph fili David*  
*Et nollet eam traducere, voluit dimittere eam.* Não a quis en-  
 tregar á Iustica, quis deixala, & irse. A segunda cousa em  
 que S. Ioseph mostrou ser filho de David, foy aquelle *nol-*  
*let*, & aquelle *voluit.* Quis deixala, & não a quis entregar:  
 Quis, & não quis? O quanto tẽdes de Rey, diuiao Ioseph!  
 Em nenhuma cousa se mostra mais o ser de Rey, que em ter  
 querer, & ter não querer. A liberdade da vontade humana,  
 como dizem os Theologos, consiste em hũa indiferença,  
 que se chama quero, ou não quero. Tal hade ser a vontade  
 Real: liure, & não sogeita. O Principe nem hade ter a sua  
 vontade sogeita a outrem, nem hade estar sogeito á sua  
 vonta de. Se tẽ a sua voutade sogeita a outrem, não he Rey  
 dos seus, se està sogeito á sua vontade, não he Rey de sy.  
 Pois para Reynar sobre sy, & sobre os seus, hade ter a von-



tade em hũa indefferença tão liure, & tão senhora, q̃ seja seu o querer, & seu o não querer: *nollet voluit.*

2. Reg. 13.

Quis Deos tirar o Reyno a Saul, & sendo que tinha Saul a Ionatas seu filho herdeiro, não deu Deos o Reyno a Ionatas, senão a David. Pois porque rezão a David, & não a Ionatas? Ionatas era hum Principe muyto generoso, muyto liberal, muyto benigno, muyto esforçado, & sobre tudo era filho herdeiro de hum Rey, que para o respeito dos vassallos importa muyto. David pello contrario era hum pastor, filho de outro, dequẽ se não sabião mais talẽtos que atirar hũa funda, & tocar hũa arpa. Pois porque deserda Deos a Ionatas, & da a Coroa a David? Eu o direi. Diz o texto fallando de David, & de Ionatas: *Anima Ionate conglutinata est anima David*: que a alma de Ionatas se atou a alma de David. De sorte que ainda que ambas as almas estauão atadas, a que se atou foi a de Ionatas a David, & não a de David a Ionatas. Aduirtio o agudamẽte S. Gregorio Taumaturgo. *Vincula inferre praestantioris erat. non inferioris, agglutinari autem deterioris. Ita quidem ut vinculis expedire se quodam modo non posset.* E como Ionatas se atou a David, & David a Ionatas nam; por isso tira Deos a Coroa da cabeça a Ionatas, & mete na mão o sceptro a David. Porque o Principe, como Ionatas, que ata a sua vontade à vontade do vassallo, tem talento de vassallo, nam tem talẽto de Rey: & vassallo, como David, que não sabe atar a sua vontade, à vontade doutrem, ainda que seja hum Principe este tem talento de Rey, nam tem talẽto de vassallo. E como Deos reparte os officios conforme os talentos, & nam conforme as calidades; seja vassallo o Principe Ionatas, seja Rey o pastor David. Rey que tenha a vontade atada a outrem nam fas isso Deus.

E porque rezam importa tanto, que o Principe não seia fogueito à vontade alhea? Por duas resoens; hũa da parte do Rey, outra da parte do Reyno. Da parte do Rey, porque não he Rey, he subdito: da parte do Reyno, porque não he Reyno, he confusam. Começemos por este segũdo.

Quant



Quando o Sol parou ás vozes de Iosue , aconteceram  
no mundo todas aquellas consequencias, que, parando o  
mouimento celeste, considerão os Philosophos. As plantas  
por todo aquelle tempo não crefferão : as calidades dos  
elementos, & dos mistos não se alterarão : a geração, &  
corrupção, comque se conserua o mudo, cessou, as artes, &  
os exercicios humanos de hum, & outro emisterio estiu-  
rão suspensos: as antipodas não trabalhauão, porque lhe  
faltaua a luz: os de cima cansados de tam comprido dia  
deixauão o trabalho: estes pasmados de verem o Sol que  
se não mouia: aquelles tambem pasmados de esperarem  
pello Sol, q não chegaua: unidação, q se acabara para elles  
a luz: imaginauão que se acabaua o mundo: tudo erão la-  
grimas, tudo affombros, tudo horrores, tudo confusões.  
Que he isto? quem desordenou a compostura do Vniuerso?  
so? quem descompos a harmonia da natureza? donde tan-  
ta desordem, donde tanta confusão ao mundo? Sabeis dô-  
de? A escriptura o disse em duas palauras. *Obediente Domino* Iosue 10.  
*voci hominis*: obedecendo Deos a voz de hum homem. E  
em hum mundo onde Iosue manda, & Deos obedece:  
em hum mundo onde manda o criado, que auia de obe-  
decere, & obedece o Senhor que auia de mandar; que muy-  
to que aja confusões, que aja desordens, que aja descom-  
posturas: que muyto que nada creça, que nada se obre, q  
tudo vá para tras: que muyto que os de cima triumphem, &  
os debaixo chorê: & q nacêdo o Sol para todos, os de cima  
leuê todas as luzes, & os debaixo todas as treuas?

Com grandes exemplos destes se tem infamado o mudo  
em todas as idades, & sem pedirmos aos seculos passa-  
dos as memorias de Galba, nê de Tiberio os nossos olhos  
são boas testemunhas. Nós o vimos, & nós o vemos. Pergũ-  
to, Portuguezes, vós que vistes o que padecestes, vós que  
vedes o q gozais, dôde veo tãta differença em tam poucos  
annos? A differença não a pondero, porque a vê os olhos:  
a causa porque a vem, he só o que pergunto. Sabeis porq?  
porque então tinhamos hum Rey fogueito a hũa vontade



alhea, hoje temos hum Rey Senhor das vontades alheas & mais da sua: então tínhamos hũ Rey catiuo, hoje temos hum Rey liure: então tínhamos hum Rey obediente, hoje temos hum Rey obedeci: então tínhamos hum Rey senhoreado, hoje temos hum Rey senhor. Esta he a differença, Rey senhor digo [& he a segunda rezaõ] porque o Rey fogeito a vontade alhea não he senhor. He Rey subdito, he Rey não Rey.

Quando Christo foi leuado ante Pilatos, perguntou elle aos ministros daquelle Iustiza: *quid vultis faciam de Rege Iudeorum?* que quereis que faça do Rey dos Iudeos? Responderão os Escribas, & Fariseus: *tolle, tolle crucifige eum:* quere-mos que o crucifiqueis. E que fes Pilatos? *Tradidit eum voluntati eorum:* entregou a vontade delles. Pergũto agora, quem fes mayor iniuria a Christo em quanto Rey do Iudeos, os Escribas, & Fariseus na sua petição, ou Pilatos na sua permissão? os Escribas em o pedirem para a Cruz, ou Pilatos em o entregar á sua vôtade? Todos os Doutores cõmumente condenão mais a Pilatos, & cõ muyta rezaõ. Muyto mayor iniuria fes Pilatos a Christo em sua permissão do que os Fariseus em sua petição. Porque os Fariseus no que pediaõ, mostrauão que Christo era verdadeiro Rey, & Pilatos no que permitia mostraua, que Christo não era Rey verdadeiro. Os Fariseus mostrauão, que era Rey verdadeiro, porque pediam a Christo para a Cruz, & não ha mayor proua de ser verdadeiro Rey, que chegar a dar o sangue, & a vida por seus vassallos. E Pilatos no que permitia mostraua, que não era Rey verdadeiro, porque entregou a Christo à vôtade dos ieus, & não ha melhor proua de não ser verdadeiro Rey, que ser Rey entregue a vontade alhea: *Tradidit eum voluntati eorum.* E se não veiamos o que se seguio. Tanto que Pilatos entregou a Christo a vontade delles, immediatamente o vestirão de hũa purpura de farça, deram-lhe hum sceptro de cana, puzeram-lhe hũa coroa de espinhos, & faziaõ-lhe grãdes orações zombando: *illudabant ei dicentes, Ave Rex Iudeorum.* De maneira que



que antes de Christo estar fogueito á vontade alhea, ainda em suas bocas, era verdadeiro Rey: *Quid vultis faciam de Rege Iudeorum?* Mas tão to q' o entregaraõ a vôtade alhea, logo foi Rey de farça, & de zôbaria: *illudebant ei dicentes Aue Rex Iudeorũ*. Rey entregue a vôtade doutrẽ, terá purpura, terá sceptro, terá coroa, terá adoraçoẽs, mas a purpura não he purpura, o sceptro he cana, a Coroa espinhos as adoraçoẽs zombarias: *Illudebat ei dicentes Aue Rex Iudeorũ*. E como he tão grande calidade de Rey ter a vontade sua, & não fogueita; por isso o Anjo chamou a S. Ioseph filho del Rey David, quando o vio tam isento senhor de sua vontade, q' era seu o querer, & o não querer: *cum noller eam traducere voluit dimittere eam*.

*Hec autem eo cogitante*. Resoluto S. Ioseph a deixar sua esposa, diz o texto, q' andava o Sãoto considerando: *Hec autem eo cogitante*. Esta consideração de S. Ioseph me da muyto q' cõsiderar, & q' reparar. Não estava ja o Sãoto deliberado, & resoluto? Sy estava; que isso quer dizer aquelle: *voluit*: de-liberação da vôtade. Pois se a vôtade estava deliberada, & resoluta, que he o que considerava Ioseph? Considerar antes de resolver, isso fazem, ou deuem fazer todos, mas depois de resolver considerar ainda? Sy. Porque as materias de grande importãcia (qual esta era) hamse de considerar antes, & mais depois. Antes de resolver hase de considerar o caso, depois de resolver hase de considerar a resolução. Esta differença acho entre a Philosophia natural, & a moral, & politica; que a Philosophia natural pede hum conhecimento antes da deliberação: *Nihil volitum quin præ-* Prolog.  
*cognitum*; a Philosophia moral, & politica pede hum conhecimento antes, & outro depois: hum conhecimento antes, que guie a vontade a tomar a resolução, & outro conhecimento depois, que examine a resolução depois de tomada. Assim o fez Sam Ioseph. Conheceu, & considerou primeiro, & logo resolveo: *voluit*; & depois de resoluto, & deliberado tornou ainda a cõsiderar: *Hec autem eo cogitante*.



Peccou Adam, e fcondeuse, & antes de Deos lhe notificar a sentença de desterro, diz o texto, que andaua o Senhor passeando, & fallando consigo no Paraizo: *Audiuit uocem Dei deambulantis*. As vozes, & os passeos tudo era improprio em Deos; porque o fallar consigo encontrava o attributo de sua Sabedoria, & o passear de hũa parte para a outra encontrava o attributo de sua immensidade, & immutabilidade. Pois que obriga a Deos a fallar consigo contra o attributo de infinitamente sabio? que obriga a Deos a passear de hũa para outra parte, contra o attributo de immutauel, ou immouel? Se vinha castigar a Adam, porque o não castiga? Se vinha desterralo do Paraizo, porque o não desterra? Porque? Porque era materia grande, & quila Deos cõsiderar primeiro. Por isso passeaua sò, como pêsatiuo: por isso falaua consigo, como irresoluto. Procedeu Deos em desfazer o homem, como auia procedido em o fazer. Quando o fes, fello com cõselho: *Faciamus hominẽ*: quando o desfes desfello cõ cõsideração: *Audiuit uocẽ Dei deambulantis*. Passear Deos de hũa parte para outra parecia descredito de sua immutabilidade, mas não era senão hõra. Com Deos ser por natureza immouel, & immutauel, honrase muyto de auer hũa cousa, que o possa mudar, & mouer, que he a rezão. E como no caso de Adam hauia rezoês por hũa, & outra parte, por isso passeaua Deos, & se mouia de hũa parte para a outra, porque de hũa, & outra parte hauia rezoês, que o mouessem. As rezoês, que hauia para castigar o leuauão: as rezoês, que hauia para perdoar, o trasião. Que me desobedeceste Adam! Heide castigalo. Esta rezão o leuaua. Que haja de deitar do Paraizo hum homẽ, que ainda agora pus nelle! Não o heide castigar. Esta rezão o trazia. Fazer hũ homẽ de nada, foi credito de minha bõdade: desfazelo por pouco mais de nada, por hũa maçiã, parece de maçiãdo rigor de minha justiça. Ora perdoelhe. Viraua Deos o passeio. Mas que hum homem leuado de nada se atreuesse contra quem o criou! he grande soberba! E que hum homem por pouco mais de nada, por hũa



hũa maçã, arrastasse tantos respeitos! he grande ingrati-  
dão Não lhe hei de perdoar. Tornaua a voltar Deos, & ir  
por diante. De maneira que assi andaua o Supremo Rey,  
como fluctuando de hũa razão, para outra; considerando  
antes de resolver, & depois de resolver tornando a consi-  
derar. Bem assi como S. Ioseph neste cazo. Hũa vez sobre  
considerado resolutto, & outra vez sobre resolutto consi-  
derado: *Hec autem cogitante.*

Se fora noutra materia não me espantara muyto, mas  
ê materia de ciúmes, ê materia, em que lhe não hia menos  
que honra, & amor, que não se arroja-se Ioseph, que não se  
precipitasse! grande capacidade de animo. La diz Christo  
que se hũ cego guia outro cego ambos se despenhão: *Ca-*  
*cus si ceco ducatū praestet, nō ne ambo infensā cadent?* Math. 15. Aqui gu-  
ia hum cego a outro cego, & não se despenhou nenhum.  
O ciúme guiava a Ioseph, o amor guiava o ciúme, & sen-  
do cego o ciúme, & cego o amor, não forão bastantes do-  
us affectos cegos, & tam cegos para que a prudencia de S.  
Ioseph se precipitasse. Disse affectos cegos, & tam cegos;  
porque os ciúmes de S. Ioseph erão fundados nas elidõ-  
cias do que vira, & não ha mais perigosas cegueiras, q̃ as q̃  
tem da sua parte os olhos. Dous olhos, & dous cegos gu-  
ia-ua a Ioseph neste cazo, ò que occasiam para hum preci-  
picio! & que elle se tiuesse tão firme nos estribos de sua  
prudencia; que nem a vista lhe deslumbraße a cegeir a, nê  
a cegeira lhe escurecesse a vista, para que se arrojaße! grã-  
de valor. Mas era Ioseph filho de David, & quem tinha  
tanto de Rey, como auia de ser arrojado?

Quizerão matar a Christo os de Cafarnaum & com este  
intentto o leuaraõ a hum monte alto, para dahi o despe-  
nharem. Que faria Christo neste passo? Fosse inuisivel; &  
passando occulto pelo meyo delles, escapou de suas mã-  
os. Senhor, q̃ resolução he esta? Vos não viestes ao mudo  
a morrer pelos homens? Si viestes. Morrer a mãos dos  
mesmos, por quem se morre, ainda he mayor credito do  
amor; que seja o instrumento quem he a causa. Pois se  
tendes



rendestão boa occasião de dar a vida, porque a não so-  
grais? Porque fogis da morte? Direi Christo Senhor nos-  
so no dia de sua morte tinha determinado tomar o titolo  
de Rey, de que na vida fogira: estes homens queriamno  
matar arrojando de hum monte abaixo: *Vt precipitarent*  
*eum*; pois por isso o Senhor ainda que dezeiasse muyto  
morrer, não admitio este genero de morte: porque não di-  
zia bem a acção de arrojado com o titolo de Rey. Rey, &  
crucificado, isso sy: que aſſas cruz, he o Reynar; mas Rey  
& arrojado não: porque encontra o titulo deſſa Cruz. Lá  
outra ves o diabo aconselhou a Christo que se arrojaſſe el-  
le: *mitte te deorsum*. Estes homens aqui quizeramno arrojar  
com ſuas mãos: *ut precipitarent eum*. Mas Christo, nê se lo-  
geitou a eſta violencia, nem quis tomar aquelle conſelho;  
porque o Principe, nê se hade arrojar a ſy, nem o hade ar-  
rojar outrem. Nem por impeto proprio, nem por impulſo  
alheo. E como he tão grande parte de Rey não ſer arroja-  
do, por iſſo S. Ioseph o foy tão pouco neſta occasião, que  
o achou o Anjo temeroſo, quando o pudera achar temera-  
rio. *Ioseph fili David noli timere*. O que glorioſo não temas!  
que deção Anjos a ſocegar temores em lanço, que deuerao  
decer a reſiſtir temeridades? Mas aſſi obra quem aſſi con-  
ſidera, & aſſi conſidera, quem he filho de David. *Hec autem*  
*eo cogitante*.

Ia reparamos no *cogitante*, reparemos agora no, *Eo. Hac*  
*autē[eo] cogitante*. Com ſer hũa palaura de ſòs duas letras, tẽ  
muyto que reparar. Diz o Euangelista, que as conſidera-  
ções, que Ioseph fazia ſobre eſte cazo, elle as diſcorria  
conſigo: *eo*, elle. Muito pondera Euthimio que as não  
communicaſſe com outrem, & temeraião. Porque o cuidado  
& afflicção de S. Ioseph auia miſter aliuio, & remedio, o a-  
liuio eſtaua na comunicação, o remedio no conſelho: pois  
porque ſe não aconselha S. Ioseph num caſo tam duuido-  
ſo, porque o nam communica com outrem? Porque em  
materias grandes (como era eſta) muytas vezes importa  
mais o ſegredo, que a reſolução. E negocio em que im-  
portaua



tanto o segredo, não fora S. Ioseph filho de David se a communicara com outrem. Materias em que pode ser perigosa a falta do segredo, não haõ de sair do peito do Principe nẽ para o mayor valido, nem para o mayor confidente, nem para o mayor amigo.

He certo, que perguntou S. Ioaõ a Christo quem era o traidor, que o auia de entregar: he certo que Christo lhe respondeo: he certo que dormio reclinado em seu peito S. Ioaõ; mas não he certo quando adormeceu. Pergunto, em que ponto adormeceu S. Ioaõ? Dizem algũs Doutores, q adormeceu tanto, que acabou de preguntar; de maneira, q quando Christo respondeo, já S. Ioaõ est uua dormindo. Fũ daõ este parecer no texto; porque diz absolutamente que nenhũ dos que estauam á mesa soube o que Christo disse. *Hoc autem nemo sciuit descumbentium.* Se nenhum: logo nem S. Ioaõ. E se Sam Ioaõ, a quem se disse, o não ouuiu: logo já estaua dormindo. Pois que mysterio teve este sono subito? Que em tal occasiã não podia ser a caso. Porque adormeceu S. Ioaõ à reposta de Christo? O mysterio foy este. Vio se Christo Senhor nosso naquella occasiã como em talas constrãgido a faltar a hũa de duas: ou ao respeito de amigo, ou a obrigação de Rey. Senão digo a Ioaõ o q me pergunta, salto aos respeitos de amigo: se descubro hũ segredo de tanta importancia salto ás obrigações de Rey: pois que remedio para não faltar ao amor, nem ao segredo? O remedio foy, ordenar Christo, que S. Ioaõ adormecesse, tanto que perguntou, para que não pudesse ouuir o mesmo q lhe respõdia. E desta maneira ficou o Senhor satisfazendo jutamente as obrigações de Rey, & aos respeitos de amigo: aos respeitos de amigo, porque respõdeo ao que Ioaõ lhe perguntara: & as obrigações de Rey, porque não communicou o que conuinha encobrirse. De sorte que na boca de Christo, & nos ouuidos de S. Ioaõ esteue o segredo juntamente encuberto, & reuellado: Reuellado na boca de Christo, como segredo de amigo; encuberto nos ouuidos de Ioaõ, como segredo de Rey. Tanto deuem os



Principes recatar algum segredo, ainda dos mayores priuados, qual era Ioão. E senão consideremse os inconuenientes que do contrario se seguiam. Se o Senhor descobrira o segredo a Ioão, Ioão auia de dizer a Pedro, q para isso o perguntaua: se Ioão o dizia a Pedro, Pedro auia de matar a Iudas, q a esse fim o queria conhecer: se Pedro mataua a Iudas, não se executaua a veda, & morte de Christo: & não morrendo Christo ficaua impedido o remedio do mudo, o genero humano sem redenção, & o imperio do mesmo Christo frustrado. Ha mayores incôuenientes? De maneira, q de se conseruar aquelle segredo q não parecia na da dependeo a conseruação do imperio de Christo. Nam importa menos hum segredo que hum imperio.

Tanto que Christo espirou, rasgouse o véo do templo, em sinal de que tambem a sinagoga espiraua, & se acabaua a Monarchia Hebrea. Assim o dizê todos os Doutores; mas eu replico. O sinal sempre ha de ter proporção com o que significa, & muita, se he natural: pois que proporção tinha rasgar-se o véo do templo com se auer de acabar o imperio

la Sinagoga? Grande proporção diz Sam Leão Papa: *Sacrum illud mysticumque secretum, quod solus Summus Pontifex iussus fuerat intrare, reueratum est.* Aquelle véo do templo era a cortina que cobria o Sancta sanctorum, onde estauão escondidos os secretos, & mysterios daquella ley, vedados a todos, & só ao Sũmo Sacerdotes permitidos: & por isso tinha grãde proporção rasgar-se o véo do tẽplo para significar q se acabaua a Sinagoga; porque não ha mais proprio sinal de se acabar hum imperio, hũa monarchia, q romperem-se as cortinas dos seus mysterios, & rasgarem-se os véos de seus segredos. Os Reynos, & as monarchias sustentam-se mais do mysterioso, que do verdadeiro: & se se manifestam seus mysterios, mal os defendê suas verdades. A opinião he a vida dos imperios, o segredo he a alma da opinião. A preuenção sabida ameaça hũa sò parte, secreta ameaça a todas. Os intentos ignorados suspendê a attenção do inimigo, manifestos são a guia mais segura de seus ar-  
certos.



certos. Reyno cujas resoluções primeiro forẽ publicas, q̃  
executadas, ó q̃ perigosa cõjeitura tẽ de sua conseruação!

Que bem entendia esta politica elRey David. Leuan-  
touse Absalão com o Reyno, começou a fazer grandes le- 2. Reg. 16  
uas de gente, grandes exercitos contra David; & David q̃  
faria contra Absalão? Chamou Chusay hum grande seu  
conselheiro, disselhe, que se passasse a confidencia de Ab-  
salão, & que como fosse admitido aos conselhos, lhe reue-  
lasse, por vias occultas, tudo o que là passasse: *Omne verbũ  
quodcumq; audieris de domo regis indicabis*. Isto fez David, &  
não fez mais. Pois David; se vem contra vds tão numero-  
sos exercitos de Absalão, porque não fazeis tambem exer-  
cito? E já que vos descuidais destas preuenções, a q̃ fim  
mandais lá Chusay? Que ha de fazer hum homẽ cõtra Ab-  
salão? Obrou David como soldado tão experimentado, &  
como Rey tão politico. Querêdofe opor ao poder de Ab-  
salão, tratou sobre tudo de lhe meter hum confilente seu  
no conselho, porque entendeo que mayor guerra fazia a  
Absalão cõ hũ homẽ q̃ lhe rôpesse os seus segredos, q̃ cõ  
muitos mil homẽs, q̃ lhe rompessem os seus exercitos. Hũ  
exercito roto pode se refazer; mas hũ segredo roto não se  
pode remediar. Hũ exercito roto pode se refazer com sol-  
dados. hum segredo roto não se pode soldar com exerci- Indic. 16  
tos. Qualquer grande poder sem segredo he fraqueza: &  
a mesma fraqueza com segredo he grande poder. Em quã-  
to Sansam encobrio o segredo de seus cabellos, destruiu  
exercitos inteiros; como descubrio o segredo a Dalida cor-  
taramlhe os cabellos os Filisteus, & poderãõ atar aquellas  
valentes mãos, de quem tantas vezes forãõ vencidos. O q̃  
grande exemplo do poder do segredo! De maneira que se  
te cabellos com segredo, faziaõ tremer exercitos armados;  
& esse mesmo poder, que fazia tremer exercitos armados,  
sem segredo, bastou hum golpe de hũa tesoura para o des-  
baratar. Por isso David contra Absalão tratou de lhe con-  
quistar os segredos, paõ de lhe vencer os exercitos. E se  
tanta estimação fazia de hũ segredo David, porq̃ era Rey,  
que



que muito que fizesse tanta estimação do segredo Ioseph, porque era filho de David? *Ioseph fili David.*

Fez tão grande estimação do segredo S. Ioseph, q nam sòmente o não fiou de outrem, mas tambem não o fiou de si. Para bem se guardar o segredo, não sò o auemos de recatar dos outros, mas tambem o auemos de recatar de nòs. O meu segredo ha o de saber algũa parte de mi, mas todo eu não o heide saber. Hei de fazer hum repartimêto entre eu, & mi, & se o souber ametade de mi, nam o hade saber a outra ametade. Parece doutrina paradoxo, & he conselho expresso de Christo. *Cum facis elemosinam nesciat sinistra tua quid faciat dextera tua*: Quando fizeres algũa esmolla com a mão direita, nam o saiba a mão esquerda. Pergunto; & porque nam disse Christo, quando fizeres algũa esmolla com a mão esquerda, nam o saiba a mão direita? Porque a mão direita he mais nobre, a mão esquerda menos: & da mais nobre fiou Christo a liberalidade, da menos nobre desconfiou o segredo. O segredo a ninguém; mas auendo de ser, às mayores calidades. Diz, pois, Christo: O que souber a mão direita, não o saiba a esquerda. Como se dissera: Aueis de fazer hum repartimento entre vòs, & vòs, & o segredo que souber aquella ametade que chega da mão direita até o coração, nam o saiba a outra ametade, que chega do coração até a mão esquerda. Assim fez Sam Ioseph. O seu segredo sabia o parte de Sam Ioseph; mas todo Sam Ioseph nam o sabia. Sabia o a parte mais nobre d'alma, cõ suas potencias; mas não o sabia a parte menos nobre do corpo cõ seus lêtidos. Sabiaõ as potencias d'alma, porque o sabia a vontade, *Voluit*, & o entendimento, *Cogitante*; mas nam o sabiam os sentidos do corpo, porque nê a boca o pronúciou, nê os olhos o significaram, nem em outro algum sentido se vio indicio. Donde se verá a razam porque o Anjo appareceo a Sam Ioseph em sonhos: *Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph*. E porque nam acordado, senam dormindo? Porque como Sam Ioseph fiara o segredo sò às potencias d'alma



d'alma, & nam aos sentidos do corpo, aguardou o Anjo a que os sentidos estivessem dormindo para acudir ao remedio, sem violar o segredo. *Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph quod nulli fuerat confessus sed inclusum tantummodo mente voluebat;* disse aduertidamête S. Ioaõ Chrysostomo. Tanto recato guardou S. Ioseph, & tanto respeito o Anjo a hum segredo.

*Hec autem eo cogitante, ecce Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph.* Estando Sam Ioseph cuidando nestas cousas, appareceolhe hum Anjo em sonhos, diz o Euangelista. Notael consequencia! Se sonhaua, logo dormia, & se dormia como cuidaua? Dormir, & cuidar juntamente, parece que nam pode ser. Pois se estava cuidando: *Hec autem eo cogitante;* como estava juntamente dormindo: *Ecce Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph?* Dormia, & mais cuidaua Sam Ioseph, porque era filho de David. Esta differença faz o sono dos Principes ao dos outros homês; que os Reys cuidam dormindo, & dormem cuidando. O sono dos Reys he hum sono desnelado, he hum dormir cuidadoso, hum descansar inquieto, hum desatender aduertido, hum descuidar se vigiando. Nos outros homês o sono he prisam dos sentidos; nos Reys he dissimulação sòmente. Por isso ao Leão lhe deram o Imperio dos Animaes, porque dorme com os olhos abertos. Nenhum Rey fechou os olhos, que lhe nam fizesse centinella o coração. *Ego dormio, & cor meum vigila;* dizia o Rey mais sabio.

Dormindo estava Faraõ quando vio aquelle sonho admirauel das sete vacas fracas, q' comião as sete robustas, em q' se significauão os sete annos de fartura, & os outros sete de fome, q' auiam de succeder no Egypto. Era Rey, por isso lhe inquietauam o sono estes cuidados. Quatorze annos antes leuaua Pharaõ adiantado o governo de seus vassallos, & já entam sonhaua cõ seus bês, & o desuellauão seus males. Isto he dormir como Rey. Nos outros homês, o sono he hũa morte: nos Principes o sono sam duas vidas. Pharaõ acordado viuia no tempo presente, dormindo vi-

Genes. 42.



uia no presente, & mais no futuro: no presente por duram, no futuro por cuidado. Mais via Pharaõ dormindo com os olhos fechados, que acordado com os olhos abertos: acordado com os olhos abertos via o que já era, dormindo cõ os olhos fechados, via o q ainda não era, só porque auia de ser. Fechou os olhos para dobrar a esfera da vista. Cõ os olhos abertos via poucos espaços de lugar, cõ os olhos fechados alcançaua grandes distancias de tempo. Assim dormia o Rey do Egypto Pharaõ. E o Rey dos Assirios Nabuco como dormia? Dormia sonhando com o seu Reyno, & com os estranhos. Vio Nabucodonosor aquella prodigiosa estatua, que representaua os quatro Imperios dos Assirios, dos Persas, dos Gregos, & dos Romanos; o corpo estaua descuidado, com os sentidos presos, & a alma andaua cuidadosa, leuantando, & derrubando estatuas, fãtasiando Reynos, & Monarchias. Mais fazia Nabucodonosor dormindo, que acordado: porque acordado cuidaua no gouerno de hũ Reyno, & dormindo imaginaua na successão de quatro. Pois se Nabuco era Rey dos Assirios, quem o metia com o Imperio dos Persas, com o dos Gregos, com o dos Romanos? Quem? A obrigação do officio que tinha. Era Rey, & quem quer conseruar o Reyno proprio hade sonhar com os estranhos. Do Reyno proprio ha ter cuidado, & os Reynos alheos lhe haõ de dar cuidado. Ninguem gouernou bem o seu Reyno, que não attendese ao gouerno de todos. O bom Rey tem por esfera o mudo. He Rey do seu Reyno pelo dominio, & Rey de todos os Reynos pelo cuidado. E como o dormir, & o cuidar não he contrariedade nos Reys, senão natureza, ou obrigaçam quando menos; tendo Sam Ioseph tanto de Rey, não he muyto que estiuessse cuidando, & dormindo juntamente. *Hec autem eo cogitante ecce Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph.*

Ora eu nam me espanto tanto de que Sam Ioseph dormindo cuidasse, senão de que cuidãdo dormisse. Que dormindo pudesse ter tais cuidados não me espanta, mas que tendo



têdo tais cuidados pudesse dormir, isto me admira. O certo he que tanto mostrou S. Ioseph a realza de seu animo em dormindo poder ter mais cuidados, como em têdo tais cuidados poder dormir. No meio dos maiores cuidados ter magnanimidade de coração para dar algũ aliuio aos sentidos, tambem he parte de Rey.

Transfigurouse Christo no monte Tabor, dando hum bom dia a sua humanidade sagrada, o melhor que nesta vida teue; açcam em que sempre reparei muito, nam tão pelo descostume, quanto pelo tempo. O tempo em q Christo se transfigurou foy quando trazia mais entre mãos os negocios da redempçam do mundo, & andaua em vesporas de a côcluir, como bem mostrarão as praticas que teue cõ Moyses, & Elias. Pois Senhor meu, se andais com hũ negocio de tanta importancia entre as mãos, se andais em vesporas de concluir não menos, que a redenção do mundo, como vos ides ao retirõ do monte Tabor? Como tomais horas de recreação? Como vos pondes a ouir vozes do Ceo? No meio de tão grandes cuidados esse diuertimêto! Si. Foy Christo alegrarse ao monte Tabor, quando mais cuidadosamente trataua o negocio da redempção, para most ar que não he contra a obrigação de Rey, né de Redemptor, no meio dos maiores cuidados tomar hum dia de monte. *Dati in montana pars regni est*: disse discretamente S. Hieronymo: Tomar hum dia de monte, tomar hũa hora de recreação, no meio dos maiores cuidados, tambem he parte de Rey. Descançar para cançar mais, antes he ambição de trabalho, que desejo de descanso. Quando as potências d'alma estão tao fatigadas, justo he que se dê algum aliuio aos sentidos do corpo. Mas reparo nas palauras do Santo: *Pars regni est*. Se differa S. Hieronymo, que os moderados passatempõs, sã priuilegios das magestades: se differa, que sã gages do poder supremo: que sã diuertimentos licita, & honestamente soberanos; bem estaua. Mas dizer, que sã calidades de Rey, & parte de reynar: *Pars regni est*? Si. Porque o principal attributo de reynar he at-

Math. 17.

D. Hieron.



tender no cuidado do Reyno; & tambem he parte de at-  
tender aos cuidados, descuidarse por hum hora delles. Pa-  
ra digerir o negocio, he necessario desafogar o animo: parte  
he logo de cuidado o diuertirse, quando o recrear os sen-  
tidos, vem a ser habilitar as potencias. Nam quero outra  
proua mais q̃ a do nosso Euangelho. Dous estados tene São  
Ioseph neste seu caso, hum de cuidadoso quando imagi-  
naua, outro de diuertido quando dormia. Pergũto. E quã-  
do resolueo Sam Ioseph o negocio que tanta pena lhe da-  
ua? Quando? Quando se diuertio hum pouco delle. Quan-  
do cuidadoso imaginaua, tudo eram dauidas, tudo es cru-  
pulos, tudo perplexidades: quando se diuertio hum pouco  
dormindo, serenaram se as tēpestades do animo, & desfez  
a verdade a cōfusão, que o trazia perplexo. De maneira q̃  
o demasiado cuidado lhe embaraçaua a resoluçãõ, & o mo-  
derado descanso lhe resolueo o cuidado. Quando deu a  
recreaçãõ aos sentidos, entã achou a soluçãõ dos nego-  
cios. *Ecce Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph*. E como  
tambẽ he parte de Rey, no meio dos maiores cuidados, to-  
mar algũ descãço; por isso o Anjo quãdo achou dormindo  
a S. Ioseph, no meyo dos seus, lhe chamou filho del Rey  
Dauid. *Ioseph fili Dauid noli timere*.

Temos acabado a segunda influencia do nosso Planeta,  
que foi: Para que o Reyno tiuesse Rey influir ao Rey ca-  
lidades, & perfeiçõs reaes. Na applicaçãõ dellas se me of-  
ferencia agora larga materia a hum agradavel discurso, se  
prégara n'outro lugar. Mas aconteceume hoje o que a Plí-  
nio cõ a Magestade de Trajano, que a presença de taõ mo-  
derado Principe lhe impedia a melhor parte de sua oraçãõ  
quasi offendendo cõ o silencio suas virtudes, por nam of-  
fender cõ o discurso sua modestia. *Orationem meam ad mo-  
destiam Principis moderationemq̃, submittam nec minus conside-  
rabo quid aures eius pati possint quam quod virtutibus debeatur*.  
E assi para q̃ os lououres sejaõ só de S. Ioseph; & para q̃ se-  
nam falte da nossa parte ao reconhecimento agradecido  
das grandes obrigaçoens que lhe deuemos; saibamos que  
nam



nam sò foram influencias deste benigno Planeta as cali-  
dades do nascimento, senão a conseruação da vida, que sua  
Magestade logre por compridissimos annos para que con-  
temos muytos dias destes. Nenhum Rey teue mais arris-  
cada a vida, & com ella o Reyno, que aquelles tres Reys  
que no nascimento de Christo o adoraraõ; porque estaaõ  
debaixo da jurdição de Herodes, & fôgeito às temerida-  
des de sua tyrannia. Cõ tudo Deos os leuou por taes cami-  
nhos, que elles cõseruaraõ as vidas, & se restituiram a seus  
Reynos. Mas porque merecimentos? Ouvi h uas pa-  
lauras de saõ Hieronymo de poucos atè hoje bem entendi-  
das. *Responsum accipiunt non per Angelum sed per ipsum Dominũ*  
*ut meritorum Ioseph priuilegium demonstraretur.* Ensinou lhes  
Deos imediatemente o caminho por onde se hauriam  
de restituir saluos a seus Reynos, porque se vissem os  
priuilegios de Sam Ioseph: *Vt Ioseph priuilegium demonstra-*  
*retur.* Saluaremse os Reys a pezar do tyranno priuilegio  
dos Reys parece, porque elles o gozaram: pois como  
diz Sam Hieronymo, que não foy senão priuilegio de S.  
Ioseph: *Vt priuilegium Ioseph demonstraretur?* Como S. Ioseph  
era do Real sangue de Dauid, ainda por força natural  
do sangue estão tam vinculados seus merecimentos  
ao patrocínio das pessoas Reaes, que quando Deos guarda  
os Reys, fallo pelos priuilegios de S. Ioseph. Dos Reys foy  
o beneficio, mas de Sam Ioseph foy o priuilegio. *Vt Ioseph*  
*priuilegium demonstraretur.* Assim que conseruar S. Magestade  
a vida, a pezar do tyranno dentro em suas proprias terras,  
& restituir se a seu Reyno por caminhos tão outros do que  
se podia esperar: *Per aliã viã reuersi sunt in regionem suã;* for-  
tunas sam de S. Magestade, mas foram priuilegios de S. Io-  
seph *Vt Ioseph priuilegiũ demonstraretur.* A S. Ioseph deuemos  
a vida, & os annos do Rey q nos deu em seu dia.

Matth. 1.  
Hier.

Mas quero eu, por fim, q advertamos, q ainda q nos deu  
o Rey, & os annos, mais lhe deuemos pelos annos, q pelo  
Rey. Ora notai. O Reyno de Pórtugal, nam se perdeu por  
falta de Rey; perdeu se por falta de annos. Nam se perdeu  
por



por falta de Rey, porque nas mãos de dous Reys se perdeu: nas mãos del Rey Dom Sebastiam, & nas mãos del Rey Dom Henrique. Perdeose porem por falta de annos; porque el Rey Dom Henrique tinha tantos annos, que nos nam pode deixar successor: & el Rey Dom Sebastiam tinha tam poucos, que sem nos deizar successor se foy matar a Africa. E como o Reyno se perdeu por falta de annos, & nam por falta de Rey, nam deuemos tanto a Sam Ioseph pelo Rey como pelos annos. Porque nos deu hum Rey de tal idade, & em tal mediania de annos, qual o hauiamos mister. Nem tam poucos annos como os del Rey Dom Sebastiam, porque auia mister mais annos o gouerno: nem tantos annos como os del Rey D. Henrique, porque hauia mister menos annos a successam. Hum Rey que tiuesse vinido os annos que bastassem para a esperiencia, & q̃ lhe faltassem por viuer os annos, que são necessarios para a conseruação. Annos maduros para o cōselho, efficaçes para a execuçam, robustos para o trabalho, fortes, & animosos para a guerra, em fim annos, que se ham de continuar com muitos, & felicissimos; que debaixo do patrocínio de Ioseph, nam ha annos infelices, ainda que os prometa o tēpo. Pharaó sonhou sete annos de fartura, & sete de fome: pozse debaixo do patrocínio de Ioseph, & todos os quatorse annos foram de fartura. De maneira q̃ na prouisão do Rey auia annos felices, & infelices; mas na protecção de Ioseph os felices, & os infelices todos foram ditosos. Assim serão os annos q̃ esperamos (por mais q̃ o mūdo padeça calamidades) felices todos por fauor de S. Ioseph: felices na vida de Ss. Magestades, & Altezas: felices em gloriosas victorias de nossos inimigos: felices na cōseruaçam

& perpetuidade do nosso Reyno: felices em fim na reformaçam dos costumes, & augmēto das virtudes Christãs, por meyo da

graça. *Quam mihi, & vobis, &c.*

L A V S D E O.



Taxam este Sermam em reis.  
Lisboa 22. de Outubro de 1644.

*Coelho.*

*Menezes.*



Taxam esse Germani cum  
Lisboa 22. de Outubro de 1644.

Costho. 54. 1/2.